

Considerações finais

Eu nomeio de *potentia gaudendi* ou “força orgásmica” a potência (atual ou virtual) de excitação (total) de um corpo. [...] [Essa força] não privilegia um órgão em relação a outro: o pênis não possui vantagem de força orgásmica sobre a vagina, o olho ou o dedo do pé. A força orgásmica é a soma da potencialidade de excitação inerente a toda molécula vivente. [...] A força orgásmica não procura a sua resolução imediata, ela não aspira a se desdobrar no espaço e no tempo, sobre tudo e todos, em todos os lugares e a todo momento. É uma força de transformação do mundo em prazer-com.

(Beatriz Preciado)¹

Segundo Beatriz Preciado, em seu artigo “Multidões queer: notas para uma política dos anormais” (2011), nos anos 1950, assistimos a uma ruptura do regime disciplinar do gênero, não estamos mais em um regime de encarceramento das sociedades disciplinares sobre as quais descreve Michel Foucault em seus trabalhos sobre o poder e a coerção. Nesta década, com John Money e suas cirurgias de normalização dos corpos de crianças intersexo, observamos o surgimento de tecnologias médicas e cirúrgicas que modificam os paradigmas da normalização e cerceamento dos corpos sexuais. Preciado afirma que o “‘pós-moneísmo’ é para o sexo o que o pós-fordismo é para o capital” e que “O Império dos Normais, desde os anos 1950, depende da produção e da circulação em grande velocidade do fluxo de silicone, fluxo de hormônio, fluxo textual, fluxo das representações, fluxo de técnicas cirúrgicas, definitivamente, fluxo dos gêneros”. Ela acrescenta que o conceito de “gênero” é, portanto, uma noção “sexopolítica”, antes mesmo de se tornar uma ferramenta do feminismo (Preciado, 2011, p. 13). É nos anos 1950, portanto, que as normas de gênero passam a agir não só em seu

¹ « Je nomme *potentia gaudendi* ou ‘force orgasmique’ la puissance (actuelle ou virtuelle) d’excitation (totale) d’un corps. [...] Elle ne privilégie pas un organe par rapport à un autre : le pénis ne possède pas davantage de force orgasmique que le vagin, l’œil ou le doigt de pied. La force orgasmique est la somme de la potentialité d’excitation inhérente à toute molécule vivante. La force orgasmique ne cherche pas sa résolution immédiate, elle n’aspire qu’à se déployer dans l’espace et le temps, vers tout et vers tous, en tous les lieux et à tout moment. C’est une force de transformation du monde en plaisir-avec » (Preciado. *Testo Junkie : Sexe drogues et biopolitique*, 2008, pp. 38-39. Tradução livre)

domínio disciplinar, mas a partir de múltiplas tecnologias biopolíticas. O corpo *straight*, considera Preciado, “o produto de uma divisão do trabalho da carne” (Ibid, p. 12). O corpo heterossexual se torna, então, um corpo territorializado.

Homem versus mulher, masculino versus feminino, público versus privado. A cavidade vaginal, e toda a significação do feminino – em todas as suas manifestações – se torna a casa, o abrigo, o doméstico, o puro, o intocado, o acolhedor, o que se volta para dentro, o frágil. O masculino o obelisco, a avenida, o carro em alta velocidade, os músculos que saltam, a ereção, o que sai, se aventura, o que não chora, a guerra. Mas é necessário ter em conta que “o gênero não é o efeito de um sistema fechado de poder nem uma ideia que recai sobre a matéria passiva, mas o nome do conjunto de dispositivos sexopolíticos (da medicina à representação pornográfica, passando pelas instituições familiares) que serão o objeto de uma reapropriação pelas minorias sexuais”. É o que Preciado denomina de uma “ofensiva dos anormais” (Preciado, 2011, p. 14).

O corpo abjeto toma de assalto às tecnologias sexopolíticas e passa a fabricar espaços híbridos de prazer e gozo que desafiam o dentro e o fora, espaços que não são mais constituídos pelo princípio da proteção do “externo”, dos monstros sexuais que podem abalar a estrutura da família heteronormativa, e que impediriam qualquer intrusão no reino da normalidade. Os espaços produzidos pelos anormais são porosos, os corpos são ao mesmo tempo fora e dentro, acolhedores e violentos. Podemos ilustrar isto através da ideia da lésbica com o pau-prótese, ou *strap-on*.

No trabalho da artista e militante francesa Virginie Jourdain, o corpo lesbo-feminista borra as fronteiras entre público e privado, masculino e feminino, através de performances que jogam com ferramentas tradicionalmente restritas ao saber médico. Segundo Jourdain, em entrevista concedida à revista *Inter Actuel – Sexes à-bras-le-corps* (2012), é parte do trabalho dos artistas fabricar imagens, e essas imagens influem sobre a nossa percepção do real. Em uma de suas instalações / performances, exemplo em *urinoirE, femme fontaine* (2010 – figuras 1 e 2), ela confecciona um objeto de louça que se assemelha ao mesmo tempo um instrumento culinário e médico, que é utilizado para fazer escorrer a urina através de dois direcionamentos. O jato de urina, normalmente associado ao homem – e,

com o argumento de ter um órgão “externo”, “público”, o ato de urinar do homem é normalmente ostentado e tolerado nas ruas –, é ressignificado através dessa “mulher-fonte” que, através da prótese de louça, urina não em um forte jato, mas dois:



Figura 44: Jourdain, *urinoirE, femme fontaine*, 2010



Figura 45: Jourdain, *urinoirE, femme fontaine*, 2010

Jourdain, ainda na mesma entrevista, argumenta que “jogando com as normas, nós nos liberamos, se quisermos falar em termos de liberação. Efetivamente, é uma liberação; é o mesmo regozijo de ver como é fácil romper com os limites do público com um pedaço de corda. É como a estratégia de apontar o dedo para a farsa da heteronormatividade e o que a faz legítima. Tudo isso pode se esvaír como um castelo de cartas”².

² « En jouant avec les normes, on s’en libère, si tu veux parler de libération. Effectivement, c’est une libération; c’est même parfois jubilant de voir comme il est facile de casser les limites du public avec des bouts de ficelle. C’est une stratégie comme une autre pour pointer du doigt la mascarade constitutive de l’hétéronormativité et ce qui le rend légitime. Tout ça peut tomber comme un château de cartes. » (Tradução livre)

Já em seus desenhos, um trabalho mais afetivo, íntimo, Jourdain retrata o universo doméstico lésbico, ou como ela denomina *transpédégouine*³. Neste território, geralmente restrito ao quarto, temos a produção de imagens do desejo e da sexualidade “sapatão”, que se tornam públicos, ao serem emoldurados e expostos. O gesto *queer* de Jourdain é o de atravessar as fronteiras heteronormativas tanto no desejo que registra nas suas ilustrações, quanto em transformar estes mesmos registros em algo acessível, e que penetram outras esferas públicas e privadas. São como que segredos revelados – repletos de *dildos*, *fist-fucking*, *bondage*, onde o sexo não é necessariamente genital (ou, como ela mesma argumenta: a vagina por vezes não serve para nada em seus desenhos).



Figura 46: Desenho de Virginie Jourdain

A preferência pela prótese em seus desejos, é sintoma da “falha *queer*” e da sua potência de reajustar os limites da heteronormatividade se apropriando das suas tecnologias. Quando as *transpédégouines* se apropriam do dildo, o “primo” do vibrador criado pela psiquiatria para tratamento da histeria, tornamo-nos ciborgues, tal como Donna Haraway o define em seu *Manifesto Ciborgue* (2009).

³ Termo aglutinador das palavras “trans”, “bicha” e “sapatão”, utilizado em algumas ocasiões como alternativa ao termo “queer”, por sua dificuldade de tradução.

Haraway vê nesse conceito uma possibilidade de saída do labirinto dos dualismos: “trata-se não de um sonho de uma linguagem comum, mas de uma poderosa e herética heteroglossia”⁴. Ele vive ao mesmo tempo de um lado e de outro da fronteira que ainda separa o que é máquina do que é organismo. Eles são seres compostos por “implantes, transplantes, enxertos, próteses, seres portadores de órgãos “artificiais”. (...) Estados “artificialmente” induzidos. (...) Seres “artificiais” que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades do humano”, como afirma Tomaz Tadeu da Silva no texto introdutório do livro de Haraway⁵. Para Haraway, entretanto, “o principal problema com os ciborgues é, obviamente, que eles são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal”. E estes filhos ilegítimos são extremamente infiéis às suas origens.⁶

Os filhos ilegítimos criam objetos que redistribuem as fronteiras da casa-prótese heterocapitalista. A família falha. Em outra instalação, “FAMILLE,” (2013) de Jourdain, temos letras em néon que apagam bem na letra M de “*famille*”, transformando-a em “*faille*” – “família” e “falha” em francês, respectivamente:



Figura 47: Desenho de Virginie Jourdain

⁴ Haraway, 2009, 99

⁵ Da Silva, 2009, p. 12

⁶ Haraway, 2009, p. 40



Figura 48: Jourdain, “FAMILLE”, 2013 (Instalação)

Além do dildo, nos desenhos de Jourdain também observamos o desejo se expandir para além do “casal”, por vezes temos diversas *gouines* em uma só imagem, tocando-se, trepando, expressando os seus desejos através da apropriação de diversas práticas sexuais não-normativas. A sexualidade, o afeto, o estar junto é fabricado criativamente, coletivamente, de forma prazerosa. Temos a constituição de um “lar” pornográfico, que nos mostra que as vidas precárias transformam a “dor” da vulnerabilidade em potência de vida, em deleite – e através da reinterpretação das tecnologias políticas: a cama, a casa, o lar, a

família. Nada disso é descartado, os limites são apenas transpostos, deslocados, por vezes redirecionados.

Criam-se novos espaços. O corpo *queer* se espalha pela geografia, pela arquitetura. São vivências que jogam com os muros – as barreiras, além de serem transponíveis, também se tornam matéria-prima das heterotopias, da criação. Trepá-se no muro – existem *dildos* que aderem às paredes e fazem delas superfícies prostéticas, produtoras de prazer. A casa, antes só proteção, é também tesaço, criação, superfície sensível. É um espaço que se produz enquanto acontece, que está em constante produção. O lar e a casa: cria-se, regozija-se, pratica-se, em vistas de um “porvir” – “nós nunca fomos queers” (*we have never been queer*), como nas palavras de José Esteban Muñoz em *Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity* (2009). A falha *queer* da família e do lar se tornam dor e possibilidade – possibilidade de algo novo, de algo que ainda não está aqui, de algo que ainda está/estamos em vias de ser.

*

Apresenta-se então a ambivalência da casa: ao mesmo tempo em que é um espaço utilizado para conduzir o fluxo dos corpos de acordo com os seus papéis sexuais e de gênero – chegando ao ponto de não comportar, no caso da família heteronormativa, o filho homossexual –, é também utilizada como ferramenta de disrupção das normas. O trauma do jovem *queer*, que se encontra em uma contingência precária através da tentativa de normatização pelos pais e rejeição do seio familiar, tem a potência transformar o trauma em dispositivo da criação, ao invés de simplesmente patologizar a sua existência.

As vivências *queers* constroem, através de registros de memória e arquivos, outras significações para a ideia de lar, família e casa. Recuperando o passado “recalcado” das vivências que precisaram se invisibilizar no passado – mantendo fotografias, cartas e outras materialidades mnêmicas dentro do armário – os artistas *queers* afetam o presente, dando às vidas minoritárias a possibilidade de terem referências múltiplas para além dos modos de existir normativos.

O estar junto, para os modos de vida *queer*, torna-se necessário e político. Uma rede. A vulnerabilidade faz com que a produção de coletividade e de novos modos de cooperação seja a via indispensável de tornar a vida respirável e vivível.

No entanto, este “estar junto” não é aquele das grandes unificações das políticas identitárias – apesar de reconhecer a relevância das identidades políticas estratégicas –, mas aqui se trata de um “nós” que ainda está sendo endereçado através de suas múltiplas conexões eróticas, tendo em conta, além disso, como alerta Judith Butler em sua conferência “Rethinking Vulnerability And Resistance” (2015), que nem sempre estaremos inseridos neste “nós” porque nos amamos, mas para podermos ter a possibilidade amar e de criar outras formas de existir para além do ordinário e do possível.